



Roberta Mezzabarba

IULIA FARNESIA

Cartas de uma alma

Roberta Mezzabarba

IULIA FARNESIA

Cartas de uma alma



Titulo |IULIA FARNESIA – Cartas de uma alma
A verdadeira história de Giulia Farnese
Autora | Roberta Mezzabarba
ISBN |
© 2022 - Todos os direitos reservados ao Autor

O Autor detém todos os direitos do mesmo de forma exclusiva. Nenhuma parte deste livro pode, portanto, ser reproduzida sem o consentimento prévio do Autor.

Na capa: detalhe "O Estupro de Proserpina" (1621-1622) Gian Lorenzo Bernini
Alamy Foto de arquivo - Símbolo heráldico de lírio, Flor de Lis
Primeira edição março 2022

Índice

Prefácio
Um pouco de história
Guia dos personagens principais
O regresso a casa
IN VE CHITO
Mestre de dança
O mensageiro pontifício
Camilla Borgia
Uma flor cortada na ponta de uma foice
O selo da saúde
O Escritor Apostólico
O casamento de Isabella
Mater et filia
Insulto e indignação
O último suspiro de Lucrecia
Um ano infeliz
A memória de uma devoção
Fugitivo temporário
O último ato da comédia
Que a terra lhe seja leve
Bibliografia
Agradecimentos

Prefácio

Prezados leitores, quero agradecer em primeira pessoa e desde já a atenção que pretendem dedicar à leitura desta obra que a talentosa caneta de Mona Roberta soube tornar realidade.

Tenho que ser honesta, perambulei pelo mundo por muitos anos procurando alguém que pudesse contar minha história, a verdadeira, sem ser influenciado por todas as calúnias que foram escritas sobre mim ao longo do tempo.

Encontrei Roberta nas margens do meu amado Lago Bolsena por acaso, quando já havia quase abandonado a busca por uma caneta equipada com o intelecto e a sensibilidade que poderiam movê-la.

No primeiro encontro pensei que fosse um erro, incrédula por finalmente ter encontrado uma alma parecida com a minha.

Nossos encontros, a princípio casuais, foram se aprofundando: muitas vezes eu a via com o olhar perdido para a Ilha Bisentina, em cuja poeira estão espalhados meus restos mortais.

Então comecei a esperar por ela e tendo em mente as visitas e os roteiros. Às vezes ela empurrava sob os pilares da fortaleza olhando de baixo para cima, às vezes eu a via agachada nas pedras do Mergonara, local de desembarque dos barcos da minha família, até ficar com os sapatos e os pés molhados, e enquanto pensava que estava sozinha, eu escutei seu coração. Escreveu vários textos: o primeiro romance, *A longa sombra de um sonho*, maioritariamente passado em Capodimonte e na Ilha Bisentina, o segundo intitulado *Legàmi*, e o terceiro intitulado *As confissões de uma concubina*.

La Bisentina e Capodimonte ligados a uma concubina, ou aquela que o mundo acreditava ser tal... certamente não poderia ter sido uma

coincidência, repetia a mim mesma cada vez mais vezes...

O seu caminho, os seus passos pareciam conduzir-me inevitavelmente: quando então, quase de brincadeira, escreveu uma história sobre mim, e em particular sobre as minhas disposições testamentárias, ganhando prêmios literários por toda a parte, compreendi sem sombra de dúvida que ela seria minha voz.

A partir desse momento não me limitei mais a observá-lo, mas a levei (ou induzi) a refazer meus passos: primeiro, em um domingo chuvoso de setembro do ano Domini 2019, guiei-a para o que já foi minha residência, em Bassanello, então em outubro do mesmo ano me certifiquei de que estivesse em Carbognano no único dia em que os atuais senhores do castelo permitiram visitá-lo.

Naqueles dias Mona Roberta estudava com afinco os textos que me preocupavam e, estando na minha última casa, tenho certeza que ela foi capaz de entender e fez dela a mensagem que eu queria transmitir com os afrescos que lá fiz.

Naquela ocasião também coloquei em seu caminho duas mulheres de Carbognano que a conduziram e sua gentil esposa (um cara legal que me lembra muito meu segundo marido, Giovanni) pelas ruas da cidade até a igreja de Santa Maria della Concezione, minha igreja.

Novamente em dezembro de 2019, eu a empurrei para buscar acesso à Rocca di Capodimonte que me viu nascer: um dos atuais proprietários, Ranieri Orlandi Brenciaglia, teve a gentileza de aceitar seu pedido, mas marcou uma consulta para ela no final da noite, então devido a uma dor no pescoço superveniente (e acidental!), ela foi forçada a recusar essa visita à noite.

O encontro seguinte a levou a atravessar a porta da Rocca di Capodimonte em plena luz do dia e a olhar pelas janelas e encher os olhos

com aquela visão magnífica: tenho certeza de que ela percebeu por quais aberturas eu olhava com mais frequência, também porque eu vi minha janela favorita durar muito tempo.

Ela então contratou sua querida amiga e pintora Francesca Cragolini de Udine para fazer um retrato meu, pois alguém com o tempo se deu ao trabalho de fazer desaparecer todas as obras de arte que me retratavam: o pintor seguiu pacientemente todas as indicações e as mil correções que Roberta pediu, e devo dizer que estou muito satisfeita com os resultados. Com Francesca primeiro, e depois com Roberta, eu gostava de sorrir ou ficar de mau humor com a aparência da pintura... Aqui, finalmente me sinto amada, e como já havia acontecido comigo em Carbognano, o amor mais profundo e mais bonito me foi dado por outras mulheres. Mas, infelizmente, as pessoas que nos acompanham por longos ou curtos períodos de nossa vida nem sempre são tão bem-intencionadas: muitas vezes tive que lidar com outras pessoas semelhantes que teriam fincado um punhal nas minhas costas assim que tivessem a chance.

Mas se você tiver sorte, encontrará mulheres assim na jornada terrena: solidárias, fortes, que não conhecem a inveja.

Fiz questão de que Roberta também conhecesse a madona Felicita Menghini da Capodimonte, uma mulher especial que fez da minha família o centro de sua existência. Então coloquei em seu caminho Madonna Patrizia Rosini de Roma, que perdeu de vista e incontáveis anos para buscar todos os documentos que sobreviveram à passagem do tempo sobre minha passagem por esta terra: a pobre mulher buscou meus rastros com empenho e tenacidade em todos os arquivos públicos e privados, até serem finalmente acolhidos e salvos do esquecimento e da destruição. Então a Roberta começou a escrever, mas devo dizer que depois de tanto estudo eu

a vi cansada... Essa mulher pequenina e explosiva tem muitos compromissos, então deixei ela respirar.

Mas eu tenho que ser honesta, paciência nunca foi uma das qualidades em que meu personagem se destaca.

Então, no início do Ano do Senhor 2021, decidi que tinha que acordar sua caneta distraída para uma infinidade de outras coisas.

Na manhã de um domingo de janeiro, eles transmitiram, naquela caixa chamada televisão, onde você pode ver imagens de todos os tipos, uma história que me preocupou, aliás, que foi intitulada com meu próprio nome... "Giulia Farnese, a favorita do Papa Alessandro VI".

Eu tenho que ser sincera, esse título já me deixou nervosa, então quando eles começaram a rolar pelas imagens percebi que além de serem difamados nos primeiros minutos, eles usaram meu nome apenas para chamar atenção, e depois falar sobre tudo mais... naquele momento eu não conseguia mais conter minha raiva.

Desliguei aquela engenhoca, uma, duas, três vezes: a primeira vez que o pobre Sérgio, marido de Madonna Roberta, que estava sentado ao lado dela, olhou para ela perplexo; o segundo perguntou se ela havia encerrado a visão, e o terceiro disse: "Querida, esta é Giulia, certo?"

Sim, fui eu...

Então, depois desse choque, Roberta assumiu as rédeas do manuscrito, que já estava quase na metade, desmontando-o completamente quase com raiva, depois remontando-o pedaço por pedaço com paciência e enorme satisfação.

Agradeço-lhe profundamente por ter cavado entre mil e mil palavras, por ter lido e poder ir além das palavras, por ter escutado o que você não podia ouvir, por ter restituído a dignidade à minha alma que finalmente liberta o

peso escuro da calunia, poderá levemente, deixar este mundo e ir para a casa do Pai.

Iulia Farnesia

Um pouco de história

Giulia Farnese, mais conhecida como Giulia La Bella, é uma personagem que ainda hoje, quase cinco séculos depois de sua morte, desperta interesse e fascínio.

Giulia nasceu em Capodimonte em 1475 para Pierluigi Farnese e Giovannella Caetani, a caçula de quatro filhos.

Viveu a maior parte de sua juventude na Rocca di Capodimonte, recebeu sua educação no Collegio di San Sisto, em Roma.

Seu pai morreu em 1487 e, assim, a ambiciosa Giovannella continuou a tecer a trama da vida de seus filhos para a melhor glória da família Farnese: Angelo, o mais velho, já era casado com Lella Orsini de Pitigliano; Gerolama fora dada em casamento a um notável florentino (um certo Puccio Pucci).

Tendo resolvido os dois primeiros, Giovannella ficou com o futuro de seus dois últimos filhos, Alessandro e Giulia, e talvez o encontro com Adriana De Mila, esposa do falecido Ludovico Orsini Migliorati, tenha aberto as portas para os planos mais loucos.

Como seus dois maridos, ambos falecidos, haviam firmado um contrato de casamento anos atrás que comprometeu seus respectivos filhos, Giulia e Orsino, a intenção das duas mulheres era concretizá-lo.

De fato, eles pensaram em ir além da conveniência dessa união, chegando ao ponto de imaginar que Alessandro, protegido da família Farnese, poderia chegar ao trono papal.

O plano maluco de Caetani e De Mila forneceu dois ingredientes para seu sucesso: a beleza de Giulia e a lascívia do cardeal Rodrigo Borgia, primo de De Mila.

E foi assim que Giulia, educada à obediência e apaixonada por sua família, casou-se com Orsino Orsini (conhecido como Monoculus Orsinum) e "vendida" ao licencioso Cardeal Borgia, que a tomou ainda criança e a fez mulher.

As crônicas da época frequentemente descrevem uma Giulia sem escrúpulos, uma Giulia sem vergonha e descarada aos olhos do povo, que a chamavam de Vênus Papal ou mesmo Sponsa Christi.

Orsino, um menino infeliz com o rosto marcado pela acne e sem um olho desde cedo devido a um acidente de caça, acabou aceitando essa situação paradoxal graças à pressão da mãe. Este último, contando com seu caráter inseguro, também encontrou uma forma de aumentar as posses da família Orsini; Aconteceu muitas vezes, de fato, que Borgia fez "presentes" a Orsino para que o jovem deixasse sua esposa Giulia residir permanentemente em Roma e não com ele no Castelo de Bassanello (agora Vasanello).

Em 1493, com apenas vinte e cinco anos e sem sequer ter sido ordenado sacerdote, o turbulento Alessandro Farnese foi nomeado cardeal pelo Papa Bórgia, e a partir daí sua carreira eclesiástica mostrou-se em contínuo crescimento, sob a proteção do espanhol que se tornou o Papa Alessandro VI, no ano anterior.

Giulia deu à luz Laura, sua única filha, que os historiadores da época insinuaram maliciosamente não ser filha de Orsino, mas do pontífice.

Nunca uma mentira foi maior.

No ano seguinte, Giulia, que foi a Capodimonte pela morte de seu irmão Ângelo, hesitou diante da possibilidade de retornar a Roma, e essa indecisão enfureceu o ciumento Rodrigo Borgia: em uma das cartas ardentes que o Papa escreveu a Giulia ameaçando excomungá-la, negou a

paternidade da pequena Laura, ordenando-lhe que não fosse a Bassanello caso contrário ela voltaria "impregnada" (grávida) "daquele orbe" (de Orsino).

Giulia havia se tornado mulher e estava cada vez mais intolerante com a situação em que se encontrava, mas também respeitava os compromissos assumidos com a família para facilitar a carreira eclesiástica de seu irmão Alessandro.

Foi assim que, em 1498, a descida dos franceses pela Itália para chegar ao Reino de Nápoles, do qual reivindicavam a propriedade, deu a Giulia a oportunidade de retomar sua vida e se livrar de todos os venenos da corte, de todas as mentiras. E foi nesse momento que Giulia, livrando-se do manto opressor que a família havia colocado em seus ombros impondo escolhas que talvez ela nunca tivesse feito, abriu suas asas para renascer de suas cinzas como a Fênix. Ela poderia facilmente ter se agarrado às saias de outro cardeal, não lhe faltava a arte nem o conhecimento para fazê-lo, mas livre das obrigações familiares, escolheu a vida que preferia para si mesma. Assim, ela voltou ao Castelo de Bassanello, com sua filhinha Laura, e se reencontrou com seu marido Orsino.

Longe da corte papal, Giulia e Orsino se descobriram, e suas almas atormentadas pelas escolhas alheias pareciam obter um resgate, ainda que efêmero: Orsino veio dar-lhe o castelo e o feudo de Carbognano, tornando-a a senhora daquele lugar sem terceiros intermediários, conferindo-lhe a dignidade de dominação.

No verão de 1500, o desafortunado Monóculo morreu esmagado pelo desabamento do teto do quarto onde dormia: este trágico acontecimento foi lido também pelos historiadores da época, e pelos bem-intencionados de sempre, como o sinal de que La Bella não dormiu com o marido e que, portanto, o idílio conjugal não existia.

Ainda infâmia em Giulia.

Dor sobre dor.

Laura já havia atingido a idade do casamento, e Giulia, usando o conhecimento adquirido nos últimos anos na corte papal, celebrou um contrato de casamento para sua filha com a poderosa família de Nicola Franciotti Della Rovere, o sobrinho favorito do Papa Júlio II .

Satisfeita com essa excelente união, ela se retirou para Carbognano, e foi lá que Giulia revelou seu verdadeiro eu.

Foi nesse momento que a metamorfose dessa personagem tomou forma: como mulher disputada pelos desejos dos homens sem vergonha, ela deu o primeiro passo, transformando-se com o nascimento de sua filha Laura em mater, e então encerrando sua existência como domina. Seu segundo marido, Giovanni Capece Bozzuto, desejado e casado por amor, nunca será o senhor do Castelo de Carbognano, mas se tornará o marido da "dama" da domina.

Giulia administrou seus bens profissionalmente e fez florescer a pobre economia daquela parte de Tuscia com a mão firme de um homem capaz. E com isso lhe foi confiada uma tarefa muito mais importante: a de proteger e dar um futuro verdadeiro e autônomo, e não uma transição da sombra de seu pai para a de um marido, para as mulheres que a serviam.

Guia dos personagens principais

Muitas vezes acontece, ao entrar nas primeiras páginas de um romance, não compreender os inúmeros personagens, e perder o interesse pela leitura.

Nesta história, onde se mergulha no labirinto da sociedade renascentista, pode ser difícil para o leitor se orientar entre os muitos nomes e relações que o ligam a esse personagem.

Então tomei a liberdade de escrever este pequeno guia dos personagens principais que, além do protagonista, têm uma parte mais ou menos importante nos acontecimentos narrados.

Pode ser lido ou consultado à vontade por quem começar a ler esta história.

Orsino Orsini Migliorati, conhecido como Monocolus (1473-1500): filho único de Ludovico Orsini Migliorati, senhor de Bassanello (Vasanello - VT) e de Adriana de Mila, primeiro marido de Giulia Farnese.

Giovanni Maria Capece Bozzuto (? -1517): nobre napolitano, casou-se com Giulia (viúva de Orsino Orsini) em 1506; os dois se conheceram em 1496, por ocasião da chegada de Sancha d'Aragona a Roma.

Adriana de Mila (1434-1502): filha de Perot de Mila, filho de Catalina Borgia, irmã do Papa Calisto III e cunhada de Jofré, pai de Rodrigo Borgia (mais tarde Papa Alessandro VI), e, portanto, seu primo em segundo grau. Noiva de Ludovico Orsini, senhor de Bassanello (Vasanello - VT) e mãe de Orsino Orsini.

Giovannella Caetani (1440-?): Mãe de Giulia Farnese e seus três irmãos (Alessandro, Angelo e Gerolama), filha de Onorato Caetani e descendente do Papa Bonifácio VIII.

Angelo Farnese (1465-1494): filho mais velho de Pierluigi Farnese e Giovannella Caetani; irmão de Giulia, senhor de Canino e Montalto, casado com Lella Orsini.

Alessandro Farnese (1468-1549): irmão de Giulia Farnese. Em 1534 ascendeu ao trono papal com o nome de Papa Paulo III até sua morte. Em 1540 autorizou a fundação da Companhia de Jesus por proposta de Ignazio di Loyola e em 1545 convocou o Concílio de Trento.

Gerolama Farnese (1464-1504): filha de Pierluigi Farnese e irmã de Giulia. Ela se casou com Puccio Pucci apenas para ficar viúva em 1494. Em 1495, casou-se com o conde Giuliano dell'Anguillara, com quem teve uma filha, Isabella. Ela foi assassinada pelo enteado.

Isabella della Anguillara (1497-1564): filha de Giuliano dell'Anguillara e Gerolama Farnese (irmã de Giulia Farnese), foi criada por Giulia após o assassinato de sua mãe. Em 1518, casou-se com Galeazzo Farnese do ramo Latera.

Laura Orsini (1492-1530): filha única de Giulia Farnese e seu marido Orsino Orsini. Casada com Nicola Franciotti della Rovere, de quem teve três filhos: Giulio, Elena e Lavinia.

Lella Orsini (? -1494): filha de Niccolò, conde de Pitigliano, casou-se com Angelo Farnese em 1488; com a sua morte, retirou-se para o claustro do mosteiro florentino do Murate.

Lucrezia Borgia (1480-1519): terceira filha ilegítima do Papa Alessandro VI (no mundo Rodrigo Borgia) e de Vannozza Cattanei. Esposa de Giovanni Sforza, Alfonso d'Aragona e Alfonso d'Este.

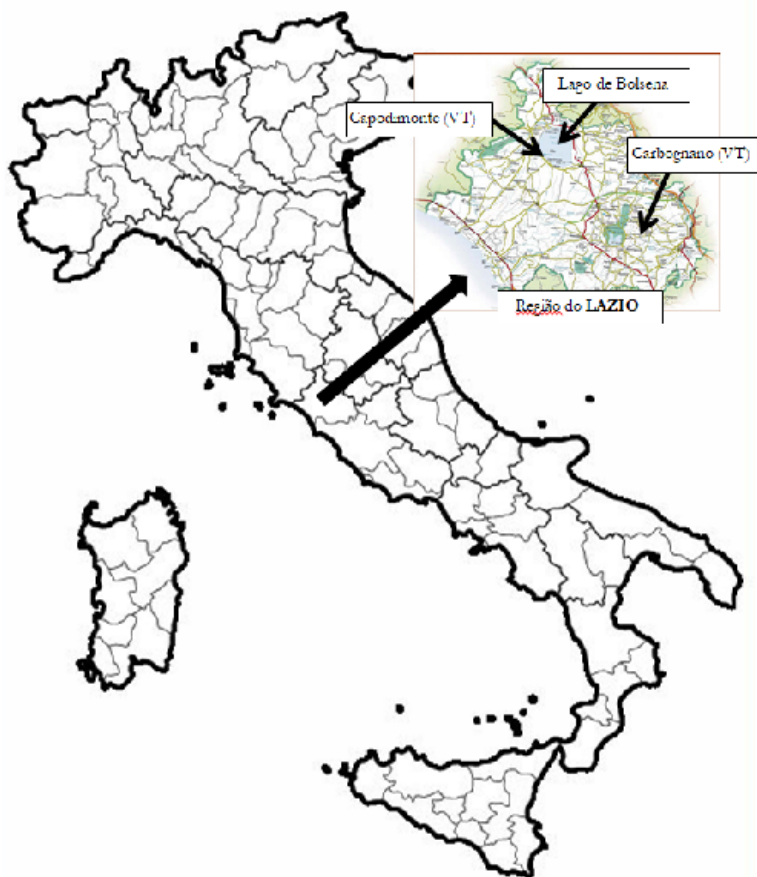
Cesare Borgia (1475-1507): filho de Rodrigo Borgia (Papa Alessandro VI) e de Vannozza Cattanei, foi bispo, arcebispo e cardeal diácono. Em 1493, ele obteve uma dispensa de seus votos e em 1498 foi nomeado Duque de Valentinois pelo Rei da França.

Camilla Lucrezia Borgia (1502-1573): filha natural de Cesare Borgia e provavelmente de Drusilla, dama de companhia de Lucrezia Borgia, legitimada em 1509.

Fez os votos e em 1545 tornou-se abadessa do convento de San Bernardino em Ferrara.

Pietro Bembo (1470-1547): cardeal italiano, escritor, gramático, poeta e humanista.

Os lugares da novela



«A vida não é o que você
viveu,
mas o que você lembra
e como é lembrado para
contar.»

(Gabriel García Márquez – *Viva para
contar*)

O regresso a casa

O barco havia acabado de deixar as margens da ilha. Com seu andar majestoso parecia ferir a superfície imóvel do espelho d'água, semeando, à medida que passava, ondulações semelhantes a arrepios líquidos que se alargavam e depois se dissolviam.

O ar frio de novembro penetrou entre as camadas de vestes pesadas fazendo Giulia estremecer, o capuz puxado para baixo sobre seu rosto pálido. Tudo parecia tão irreal para ela, tudo tão assombroso que parecia um sonho, na verdade um pesadelo, mas em seu coração ela estava feliz por ter pelo menos conseguido realizar o último desejo de seu amado marido, levando seus restos mortais para sua amada ilha. O vento norte que açoitava furiosamente as águas do lago no dia anterior, quando ela chegara de Carbognano com o caixão do marido, parecia ter se acalmado milagrosamente.

* * *

Giovanni Capece Bozzuto havia morrido há poucos dias e Giulia, em execução e por respeito aos desejos de seu amado, enviou imediatamente um mensageiro de seu irmão, o cardeal Alessandro Farnese, com o pedido de poder enterrar Giovanni na Ilha Bisentina, no santuário da família. Mas a resposta de Alessandro não havia chegado: talvez, pensou Giulia, seu irmão estivesse ocupado demais tecendo a densa teia ao redor do trono papal para responder a uma pergunta tão tola.

Assim, naquela manhã, o domínio do Castelo Carbognano organizou rapidamente a partida para Capodimonte para o transporte do caixão do marido até sua última morada.

Onofria e Berna, sentadas à sua frente na carruagem, não tinham dito uma palavra desde que partiram. A anciã enfermeira e a jovem criada observavam a senhora contemplar o campo que corria da janela estreita do habitáculo: só a respiração regular dela quebrava o silêncio perfeito daqueles momentos.

Já estava escuro quando chegaram a Capodimonte, em frente à fortaleza com vista para o lago. E enquanto para Onofria era um regresso a casa, para Berna era a primeira vez que ouvia o rugido do lago com o vento norte. A moça estremeceu com força em seu xale e, assim que desceu da carruagem no pátio da fortaleza, procurou abrigo sob o pórtico que contornava o perímetro quadrado do átrio¹. Onofria ergueu o nariz para o céu e respirou fundo.

Giulia, resoluta, rapidamente deu ordens aos homens que haviam transportado o caixão do marido.

"Coloque-o em um dos quartos do térreo e vigie a noite toda."

Ele acariciou o caixão com a mão enluvada antes de subir as escadas.

Onofria e Berna a seguiram, como se seguissem um roteiro já escrito. De manhã, enquanto os preparativos para a viagem fervilhavam nos aposentos da Rocca di Carbognano, a fiel Onofria desceu aos estábulos e enviou uma vanguarda à Rocca di Capodimonte, incitando os homens a se apressarem, muito em breve.

Os cavalos que chegaram ao pátio do palácio espumavam de cansaço, finalmente livres do peso dos homens. Os criados da fortaleza souberam assim da chegada de sua senhora, e as câmaras frias começaram a encher-se de ruídos, de vida: chamas crepitavam nas lareiras, e lençóis limpos se estendiam nas camas que a senhora e as suas criadas iriam ocupar.

A fiel enfermeira dera ordens para preparar o quarto que Giulia ocupava quando menina, naquele prédio que a vira nascer e crescer.

A velha sabia muito bem que Giulia, como senhora da fortaleza, deveria ter ficado no quarto principal onde seus pais haviam permanecido durante anos. Mas Onofria sabia muito bem que sua Giulia estava profundamente comovida pelo luto que a havia atingido nos dias que haviam passado, e não queria que os fantasmas de sua vida passada a mantivessem acordada mais do que ela já estava.

Ela sorriu quando viu sua senhora caminhar sem hesitação para seu quarto, parando brevemente na soleira e depois entrando e fechando a porta atrás dela.

Giulia se viu no quarto de seu filho, aquele cujas janelas estavam voltadas para sua amada Bisentina.

Muitas memórias...

Ela tirou o capuz, colocou-o sobre a cama, e caminhou lentamente até a janela de onde só se via a profunda escuridão da noite: era como se ele estivesse olhando para sua alma, desnudada e açoitada pelo vento frio.

Ficou assim por alguns instantes, com o olhar perdido no vazio, antes de se sentar diante da penteadeira e se entregar a um longo suspiro.

Onofria bateu delicadamente na porta e, sem ouvir resposta, olhou para fora. Vendo Giulia sentada ali, quase atordoada, aproximou-se dela com um passo delicado.

"Madonna Giulia, eu ajudo a senhora a se preparar para a noite?" ela sussurrou.

Só então a mulher se virou e acenou com a cabeça, olhando para a enfermeira idosa. Normalmente essa tarefa agora era confiada a Berna, mas Onofria queria estar perto de sua senhora naquela noite cheia de emoções e lembranças.

"Onofria, eu pensei que esse dia nunca chegaria, e em vez disso, aqui estamos... estou viúva de novo..."

Os olhos de Giulia estavam velados de lágrimas: em sua vida ela mal podia deixar transparecer as emoções que enchiam seu peito, mas naquela noite, naquele lugar, ela não se conteve.

Aquelas paredes que a viram vir ao mundo e crescer lhe deram sentimentos dissonantes de amor e repulsa: ela se sentia perdida sem seu amado John. Amanhã seria outro dia, mas esta noite as emoções a varreram em ondas, implacavelmente.

"Sentada aqui, nesta sala, neste edifício, na ausência de todas as pessoas que fizeram parte da minha vida, dos meus irmãos e irmãs, da minha mãe e do meu pai, parece-me verdadeiramente irreal."

As mãos habilidosas de Onofria começaram a mexer nas tranças e grampos que prendiam o cabelo de Giulia. Aquele toque a trouxe de volta à juventude, às horas despreocupadas que a enfermeira paciente passava no cabelo, à tagarelice sobre paquera e à ingenuidade de sua alma que ainda não conhecia as intrigas e os compromissos que este mundo vil exige.

"Querida, esta é a vida, encontros e despedidas, chegadas e partidas, em que a única data certa é a morte."

"E meu irmão Alessandro, que nem se dignou a responder minha carta... como se eu realmente precisasse de sua permissão para enterrar meu marido na Bisentina..."

Os botões deslizaram para fora das casas um de cada vez, sob as mãos sábias e antigas de Onofria: quantas vezes ela fizera aquele gesto...

"Não se preocupe, Giulia, seu irmão está ocupado com suas tarefas, com certeza nem terá tido tempo de ler sua carta..."

O vestido caiu no chão e a mulher congelou instantaneamente. Essa súbita mudança de temperatura a fez pular, a ponto de vestir rapidamente a

camisola fria que a velha lhe entregava.

"Será como você diz, Onofria, mas de qualquer forma estou começando a me cansar de todos esses formalismos, todas essas ficções atrás das quais se escondem vazios abismais."

Uma rajada de vento mais forte que as outras atingiu as venezianas fazendo-as vibrar com medo. Giulia congelou e depois retomou o fio da conversa, apertando suavemente a mão da enfermeira na sua.

"Só você, Onofria, resta do tempo passado. Só você e um monte de memórias lotando minha mente. Vamos torcer para que amanhã este vento norte se acalme."

E assim dizendo, enfiou-se entre os cobertores onde Onofria colocara um aquecedor cheio de brasas. Os lençóis quentes a envolveram num abraço acolhedor e reconfortante, no qual ela se abandonou.

Giulia gostava dos cuidados que sua enfermeira havia reservado para ela por toda a vida. Aconchegando os cobertores, a mulher lembrou-se dela criança dentro daquelas mesmas paredes e, sorrindo, em silêncio, retirou-se.

* * *

Onofria teria deixado Berna de bom grado para acompanhar Giulia no Bisentina, muitas lembranças a prendiam àquele lugar, mas a dama foi inflexível: queria que as duas a acompanhassem para dar o último adeus ao seu amado Giovanni.

Os pescadores locais colocaram à disposição da senhora dois barcos: o caixão viajaria em um e os dois homens cuidariam de carregá-lo nos ombros, enquanto as três mulheres ocupavam espaço no outro.

Berna, agarrada com as unhas à mesa onde estava sentada, tremia de frio e do equilíbrio instável em que tinha a sensação de estar: era a primeira vez que saía do continente para se aventurar numa extensão de água. Ela observou sua senhora de pé na proa enquanto observava a ilha se aproximar

a cada golpe dos remos. O homem no comando do barco, com o rosto queimado pelo sol apesar da estação fria, mergulhou com força a vara de madeira na água até que ela se partisse e levantasse salpicos de água gelada.

Mil lembranças encheram a mente da viúva: ela pensou nas vezes em que se refugiou na ilha, quando os movimentos de sua alma eram poderosos demais para serem dominados, ela pensou no passado e no estrago que isso causou à vontade e desejos dos outros.

Ela estava pensando em Giovanni e no respeito que sempre teve por ele. Ela refletiu sobre si mesma e sobre seu caminho e, tomada por esses pensamentos, não percebeu como o barco havia chegado entre os dois majestosos carvalhos ingleses² que marcavam o desembarque na ilha.

O pescador que os trouxera para a ilha, amarrou o remo a bordo, saltou para o pequeno passadiço em que haviam atracado, fazendo o pequeno barco dançar com medo.

Berna afundou ainda mais as unhas na prancha quando o homem estendeu a mão calejada e seca para Giulia, ajudando-a a descer, seguida por Onofria e Berna.

A senhora deu alguns passos em direção ao grosso da ilha e ao passar viu Berna agarrar o braço do pobre e recuperar o continente, devastado pela travessia. Berna ainda estava agarrada a Onofria para percorrer os últimos metros do cais, quando o outro barco chegou com um farfalhar de água.

Um barulho de cordas jogadas na madeira do cais fez Giulia se virar, despertando-a de quem sabe de que pensamentos: o caixão havia sido amarrado com cordas para içá-lo no cais. Instintivamente, ela ergueu a mão para os homens de Carbognano, como se pedisse para mostrar respeito pelo marido, mas imediatamente a abaixou.

O pescador que transportou as mulheres também se juntou aos outros homens e todos juntos levantaram o caixão de madeira e o colocaram nos

ombros deles.

Libertando-se das mãos de Berna, Onofria aproximou-se e com um único gesto colocou um pano de veludo preto sobre o caixão, acomodando-o com os dedos dormentes enquanto a forte brisa matinal o fazia mover-se levemente.

O cortejo fúnebre partiu na grama molhada de orvalho, que logo encharcou as vestes pretas usadas pelas três mulheres. O verde da densa vegetação ainda não havia empalidecido com os primeiros rigores da estação fria, e alguma corola colorida resistiu bravamente entre as sebes ordenadas. A parede do claustro aproximava-se a cada passo, como se fosse ao encontro do pequeno cortejo fúnebre, pronto para defender o mosteiro e a igreja das tentações terrenas, baluarte simbólico contra o mal.

Giulia sabia que aquele muro representava um limite entre sua família e seus convidados e os frades menores: quando os farneses estavam na ilha, os frades não podiam deixar o recinto do convento, exceto por motivos religiosos. Naquele dia, um grupo de frades os esperava do lado de fora do muro, para aquele miserável ofício.

No interior da igreja, o aspensor derramou lágrimas de água benta no veludo que envolvia o caixão, enquanto este descia na boca escancarada de um dos altares menores que se encontravam do lado esquerdo. Os frades, cantando com vozes profundas, rezavam pela alma do falecido.

Em seguida, a pedra sepulcral foi deslizada para tapar as mandíbulas que receberam o corpo de John.

O som da pedra se juntando no chão ricocheteou entre as paredes consagradas como uma mariposa enlouquecida.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: <http://www.ebooks2go.com>